



Gabrieli Silva é repórter freelancer e fotojornalista, com atuação nas áreas de economia, cultura e impacto social.

Pluralidade de linguagens

A herança deixada pelos veteranos ecoa diretamente na nova geração que hoje ocupa os parques e praças de Porto Alegre. O ecossistema atual é um mosaico híbrido onde a palhaçaria dialoga com o teatro de rua ativista e o infantil, a música instrumental, a acrobacia e a performance solo.

Nessa cena em constante renovação, despontam trajetórias que unem a pesquisa cênica ao improviso das calçadas. É o caso de Felipe Mendes, artista que compõe a nova geração circense ao lado de Laura Fernandes como o Palhaço Bigo. Ambos trazem na bagagem referências históricas como Fábio Castilhos e Melissa Dornelles (pioneiros na formação da palhaçaria local, com quem também estudaram Mauro e Grillo). Após viajar o País com uma trupe mambembe e vivenciar o treinamento intensivo na Casa Circo, em Belo Horizonte, o artista consolidou-se no asfalto com o solo *Metáforas da Vida* e, posteriormente, em parceria com Laura no aclamado *Os Encrencados*.

“Na rua, o público jogando junto é uma lei. No teatro tradicional, a gente é espectador de uma luz no palco; na rua, tu olhas no olho de cada um, tu vês e és visto. Um espaço onde não estava acontecendo nada vira um lugar de criação viva”, destaca o performer.

Um dos nomes atuantes dessa continuidade é Lipsen Gaitero. Bacharel em teatro e mestre em artes cênicas, Lipsen começou em Nova York, em 2012, tocando acordeão para pagar as contas. Quando desembarcou no Brique da Redenção em 2013, percebeu que o público não queria apenas ouvir a música e ir embora; as pessoas paravam para escutar. “Meu show deixou de ser só um músico tocando e passou a ser o ator que usa a gaita para entreter. Dizem que sou um palhaço sem nariz”, revela Lipsen. Seu espetáculo é uma construção narrativa precisa: abre com músicas instrumentais, mergulha em arranjos de Lady Gaga e Freddie Mercury, e entremeia reflexões ácidas sobre a vida urbana.

Se para Lipsen a rua é o espaço da virtuosidade musical e do riso, para Danielle Rosa e Sandro Marques a calçada é trincheira. Com 30 anos de atuação na rua e formação com a Tribo de Atuadores Ôi Nóis Aqui Traveiz e a Cambada de Teatro em Ação Direta Levanta Favela, a dupla de ativas cênicas pratica um teatro popular de corte profundamente político. “Nossos ensaios duram seis meses diários, e o improviso é trabalhado durante um ano. A rua atinge um público popular que jamais pisará em uma sala de teatro fechada”, afirma. O gru-



Gustavo Thomé é um dos artistas que encantam o povo na Redenção: ‘viver da arte de rua é um exercício de fé’

po enfrenta o clima e as patrulhas ideológicas com montagens contundentes – como o espetáculo *Populares Temem Invasão das Salsichas Gigantes*, que resultou na primeira pessoa atuando no teatro de rua a concorrer e vencer o Prêmio Açorianos de Melhor Ator.

Na vertente do circo clássico de rua, o artista Gustavo Thomé representa a busca pela precisão técnica aliada ao carisma da praça. Iniciado no circo em 2009 no litoral gaúcho e lapidado em mais de 15 convenções internacionais, Thomé faz do malabarismo, do equilíbrio e da palhaçaria um exercício de presença viva. “Viver da arte de rua é um exercício de

fé. A gente acredita que as pessoas vão parar, acredita que não vai chover e que o mundo não é feito só de preços, mas de valores. Na rua, o público faz metade do espetáculo”, diz Thomé.

Hoje, os artistas que traba-

ham na Redenção mantêm um pacto de cavalheirismo sonoro: organizam-se em horários alternados, negociam intervalos de 30 a 40 minutos para não sobrepor a amplificação e respeitam o rodízio das sombras das árvores.



Lipsen adaptou seu espetáculo à realidade da praça: ‘dizem que sou um palhaço sem nariz’

Uma cidade em constante disputa

Apesar da poética do encontro, a vida no asfalto é atravessada por severas contradições econômicas, climáticas e sociais. A imagem romantizada do artista mambembe confronta-se diariamente com a dureza dos boletos, a hostilidade do espaço urbano e a precarização das políticas públicas.

Um dos recortes mais urgentes e invisibilizados da cena de rua é a questão de gênero. Traba-

lhar na calçada exige um estado de vulnerabilidade que ganha contornos dramáticos quando experimentado por corpos femininos. “É raríssimo ver uma mulher apresentando solo na rua”, acentua a cirqueira e malabarista Laura Fernandes. “Quase sempre elas estão acompanhadas de um parceiro homem. Quando eu terminei o relacionamento com meu ex-companheiro, de repente

me vi com o meu material parado, perguntando: o que torna a rua um espaço tão hostil para nós?” A artista lembra a tragédia de Julieta Hernández, a palhaça venezuelana Jujuba, assassinada em 2023 enquanto viajava de bicicleta pelo Brasil. Julieta dizia que a maior beleza da rua eram as pessoas e a incerteza – e que a maior dificuldade da rua eram, exatamente, as pessoas e a incerteza.

“O palhaço lida com o fracasso, com o ser tonto e vulnerável”, segue Laura. “Para um homem, acessar esse lugar de bobó é fácil, porque o lugar de poder dele na sociedade já está assegurado. Para uma mulher, primeiro tu precisas construir uma validação e um respeito perante a sociedade para só depois poder brincar com o fracasso.” Além disso, a divisão desigual do trabalho de cuidado e da maternidade afasta as mulheres da itinerância do chapéu.

Essa vulnerabilidade é agravada pelo estrangulamento financeiro. Gabriel Grillo aponta a queda

drástica nos ganhos da rua: se até o ciclo econômico de 2016 ele chegava a arrecadar R\$ 70,00 por dia tocando violino sobre o monociclo nos semáforos da Capital, hoje o retorno despencou para cerca de R\$ 30,00 diários, quando muito. “Se chove no domingo, é um dia de prejuízo e de contas acumuladas”, desabafa Grillo, que precisou recorrer à produção caseira de pães para conseguir fechar o mês.

Para tentar equilibrar a balança, os artistas têm enfrentado uma crescente formalização burocrática. Para além da habilidade no picadeiro, é preciso aprender a “se vender”: abrir MEI, emitir notas fiscais, obter o registro profissional e dominar a escrita de projetos para editais públicos e festivais corporativos. Embora abra portas, o trabalho burocrático diante do computador afasta os criadores do contato vivo com o público da rua.

A relação com o poder público municipal oscila entre a negligência e a burocracia restritiva. Embora Porto Alegre conte com a

Lei do Artista de Rua – que garante a apresentação em logradouros públicos sem necessidade de alvará –, a fiscalização e os processos de gentrificação criam territórios velados de exclusão. Artistas relatam entraves para atuar na renovada Orla do Guaíba, escassez de infraestrutura básica no Parque da Redenção (que passou anos sem bebedouros funcionais) e o fim de programas históricos de incentivo, como a Descentralização da Cultura e a Mostra de Teatro de Rua. “Não existimos para as políticas públicas; apenas não nos proibem”, sintetiza Grillo. Danielle Rosa é ainda mais contundente: “Porto Alegre hoje é um nicho fechado para a cultura de rua, sem políticas e sem valorização.”

O que se perde, afinal, quando o circo e a palhaçaria são expulsos da cidade? Perde-se a cor, a espontaneidade e os raros momentos de convivência comunitária no espaço público. “Onde não existe um espetáculo, a violência é o espetáculo”, alerta Mauro Bruzza.



Laura Fernandes aponta a vulnerabilidade das mulheres que atuam na rua